

Memórias Compartilhadas e Divergências Geracionais sobre o Regime Militar no Brasil

Shared Memories and Generational Divergences on the Military Regime in Brazil

Elza Maria Techio¹, Marcos Emanuel Pereira¹, Raimundo Cândido de Gouveia¹, Yuri Sá Oliveira Sousa¹

RESUMO: Passado mais de meio século da implantação do regime militar no Brasil, o seu significado histórico e as suas consequências ainda repercutem no imaginário das pessoas. O presente artigo explora, comparativamente, as memórias e avaliações sobre o período na perspectiva de brasileiros que vivenciaram os eventos da época e daqueles que nasceram durante ou após o processo de redemocratização do Brasil. Estuda-se, portanto, as representações sobre o regime militar que são compartilhadas por indivíduos de diferentes gerações a partir da recordação de eventos que marcaram o período. A pesquisa, realizada entre 2012 e 2014, envolveu 2917 habitantes da cidade de Salvador e região metropolitana. Dos participantes, 1348 eram idosos e 1569 estudantes universitários, com idades compreendidas entre 17 e 95 anos de idade (média= 44,2 anos; DP=23,1), dos quais 1486 eram homens. Os resultados indicam que ambos os grupos possuem uma representação predominantemente negativa do regime militar. Para os participantes, o período foi marcado por decisões políticas impostas à população por meio da força, violência, censura e repressão. Apesar disso, diferenças entre os grupos foram identificadas: os estudantes universitários lembram mais de atos políticos e os idosos de eventos violentos. Os resultados foram interpretados à luz dos princípios teóricos da construção social da memória.

Palavras-chave: memória social; construção social da memória; memória geracional; regime militar.

¹Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ABSTRACT: More than half a century after the establishment of the military regime in Brazil, its historical significance and consequences continue to resonate in the collective imagination. This article comparatively explores the memories and evaluations of the period from the perspective of Brazilians who experienced the events firsthand and those born during or after the process of Brazil's redemocratization. The study examines the representations of the military regime shared by individuals from different generations, based on the recollection of key events from that period. The research, conducted between 2012 and 2014, involved 2,917 residents of Salvador and the metropolitan area. Among the participants, 1,348 were elderly and 1,569 were university students, with ages ranging from 17 to 95 years (mean = 44.2 years; SD = 23.1), of which 1,486 were men. The results indicate that both groups hold a predominantly negative representation of the military regime. For the participants, the period was marked by political decisions imposed on the population through force, violence, censorship, and repression. Nonetheless, differences between the groups were identified: university students recalled more political acts, while the elderly remembered more violent events. The results were interpreted considering the theoretical principles of social memory construction.

Keywords: social memory; social construction of memory; generational memory; military regime.

Introdução

Desde a campanha eleitoral de 2014, o Brasil vive um período de intensas reflexões e debates políticos que transcendem os tradicionais ambientes políticos, como os palanques eleitorais e o parlamento, e se expandem para espaços públicos e privados, como ruas, escolas, ambientes de trabalho e as redes sociais digitais. Ademais, o ano de 2014 marcou os 50 anos do início do regime militar no país, com a divulgação do relatório da Comissão Nacional da Verdade, que teve como objetivo elucidar as violações dos direitos humanos ocorridos durante o regime militar. Em 2024, o Brasil atinge 60 anos

do golpe militar e 10 anos da divulgação do relatório da Comissão da Verdade, cujos reflexos são evidentes nos conteúdos dos livros didáticos de história (Gusmão, 2024).

Em meio à diversidade de opiniões, controvérsias e polarizações sobre este período, nota-se o crescimento de grupos que defendem abertamente o retorno do militarismo, enquanto políticos eleitos democraticamente prestam homenagens a militares e torturadores, minimizam a violência e ridicularizam as vítimas. Além disso, observam-se mobilizações antidemocráticas e reacionárias. Em oposição a esses grupos, outros segmentos da sociedade buscam manter viva a memória dos abusos e violência perpetrados pelas forças do Estado durante o período ditatorial, fortalecendo movimentos em defesa da democracia (Silva, 2021). Essas narrativas refletem diferentes perspectivas sociais, políticas e ideológicas.

Historicamente, o Brasil passou de um regime totalitário de 21 anos (1964 – 1985), com cinco mandatos presidenciais militares, para uma democracia aparentemente frágil (Albuquerque & Meneses, 2017). Quase 40 anos após o processo de redemocratização política, o país, segundo alguns juristas, cientistas políticos e veículos de imprensa de esquerda, atravessa novamente um período incerto e sombrio de sua história. A operação lava jato e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, descritos por muitos como um golpe parlamentar, pode ser apontado o marco de uma nova era de autoritarismo e tendências reacionárias, com desmembramentos políticos, econômicos e sociais (Albuquerque & Meneses, 2017; Silva, 2021; Villela & Losnak, 2016). Esses eventos culminaram na eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, um político de extrema direita, que defende abertamente estruturas antidemocráticas e conservadora, com apoio de uma parcela dos militares. Posteriormente, em 08 de janeiro de 2023, esses movimentos, levaram a invasão do palácio dos Três Poderes da República, um claro ataque ao sistema democrático brasileiro (Oliveira Filho, 2024).

Enquanto fato histórico, a ditadura militar no Brasil, iniciada em 1964 e encerrada em 1985, foi um período marcado por intenso controle social. Embora o regime militar tenha começado em 1964, foi somente a partir da publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) que o autoritarismo e as perseguições políticas se institucionalizaram (Gianordoli-Nascimento et al., 2012; Schwarcz & Starling, 2015). Os dispositivos repressivos do regime visavam impor valores e normas sociais que sustentassem uma nova ordem social, supostamente “protegendo” o país da “ameaça comunista”. Durante esse período, os direitos constitucionais foram desrespeitados, a censura foi instaurada, e perseguições política e repressão violentas se intensificaram contra àqueles que se opunham ao sistema. Durante este período, especialmente nos chamados anos de chumbo (1968 – 1974), extradições, prisões ilegais, desaparecimentos, torturas e execuções sumárias foram apontadas no relatório da Comissão Nacional da Verdade” (Brasil, 2014).

Apesar das repressões e censuras, a economia brasileira passou por um aparente desenvolvimento, conhecido como o “milagre econômico”, com a expansão da indústria automobilística, construção civil e da bolsa de valores. Porém, esse crescimento teve um alto custo social, com aumento da concentração da renda, da dívida externa e dos preços do petróleo (Schwarcz & Starling, 2015).

O fim do regime e a redemocratização foi uma conquista por meio da resistência e luta de opositores ao regime, incluindo movimentos estudantis, sindicais e sociais, além de figuras políticas, intelectuais, jornalistas, artistas, religiosos que lideraram manifestações populares pró-democracia, como a campanha pelas “Diretas Já”. Em 1988, a nova Constituição Brasileira restabeleceu a democracia, e em 1989 o país voltou a realizar eleições diretas (Schwarcz & Starling, 2015).

Dado o impacto duradouro do regime militar, este estudo pretende explorar as narrativas e memórias sobre esse período entre os brasileiros que viveram o regime e aqueles nascidos após o processo de redemocratização.

Memória histórica do passado

Por que alguns eventos assumem importância social e coletiva, a ponto de serem recordados por um longo período, enquanto outros são rapidamente esquecidos? E por que alguns eventos históricos têm impacto psicossocial mais profundos do que outros? Como diferentes gerações interpretam e recordam os eventos históricos? Essas questões orientam os estudos na psicologia social sobre a memória social, coletiva e histórica do passado. Falar de memória social, coletiva e histórica não é negar a atividade subjetiva individual, mas sim destacar que ela transcende o indivíduo, ainda que se manifeste por meio dele.

Na perspectiva psicossocial, a memória social apresenta cinco características centrais: (a) é uma construção social, (b) envolve a participação ativa do indivíduo na sua construção, (c) depende da comunicação e da interação social, (d) lembranças e pensamentos individuais são indissociáveis, e (e) a construção da memória tem um caráter motivacional e emocional (Sá, 2007; Dias et al., 2011).

Nessa perspectiva, a memória é entendida como uma construção coletiva baseada no contexto sócio-histórico, influenciada pelo que é discutido em diferentes esferas sociais, como a família, a comunidade, a escola e os meios de comunicação. Por isso, assume-se, que a memória social e histórica está inteiramente ligada à identidade social e cultural (Tajfel, 1981), cujos significados e avaliações estão vinculados à interação social por meio das ideologias, valores, códigos e símbolos culturais presentes nos grupos e sociedades. Essa conexão entre memória e identidade grupal é crucial para a preservação dos grupos, e a transmissão cultural dos conhecimentos entre gerações.

O conceito de memória coletiva, introduzido por Halbwachs na década de 1920, descreve a memória como um fenômeno ancorado nas estruturas sociais e nas pertencças grupais. Ela cumpre uma função importante na identidade social ao preservar a existência dos grupos e reconstruir o passado à luz das informações do presente. Através da linguagem e o discurso, os grupos constroem de forma comunicativa o passado e compartilham seus significados.

Além disso, associada à memória coletiva, temos a memória comum, que se refere às lembranças pessoais compartilhadas por um conjunto de pessoas expostas ao mesmo evento, muitas vezes por meio dos meios de comunicação, mesmo sem interação direta ou elaboração coletiva (Jedlowski, 2001; Sá, 2007). Isso nos ajuda a entender como a memória geracional é construída (Epelboim, 2004).

A memória geracional se refere às lembranças compartilhadas por um determinado corte geracional, relacionadas a eventos históricos que impactaram suas vidas. A suposição de que existe uma memória geracional parte da ideia de que existe um “período crítico” na vida, geralmente entre a adolescência e início da vida adulta, em que as memórias têm maior probabilidade de serem formadas e preservadas ao longo do tempo (Pennebaker & Crow, 2000). Por exemplo, estudos no Brasil mostram que diferentes grupos etários (jovens, adultos e idosos) apresentam lembranças e avaliações diferenciadas sobre o regime militar (Sá, 2014, 2015; Sá et al., 2008).

É importante destacar quem embora exista uma memória geracional, a população e as memórias são heterogêneas, pois as pessoas pertencem a diferentes grupos sociais. Logo, as memórias variam conforme a inserção social, a ideologia, classe social entre outros (Sá, 2012).

Alguns autores apontam que, além do período crítico, o distanciamento psicológico do evento histórico e a nostalgia do passado também influenciam a memória

coletiva (Páez et al., 2007; Pennebaker et al., 2006). Segundo Pennebaker e Crow (2000), eventos históricos impactantes tendem a ser comemorados somente após cerca de 25 anos, quando os jovens que vivenciaram o evento impactante atingem cerca de 40 anos e recursos políticos e econômicos para transformá-lo em rituais coletivos (cerimônias, construção de monumentos etc.). Além disso, a distância psicológica desempenha um papel importante: eventos traumáticos inicialmente provocam ansiedade e estresse, o que leva as pessoas a se distanciarem emocionalmente deles. Com o tempo, as emoções negativas se atenuam, facilitando a comemoração e a lembrança do evento.

Os ritos e símbolos (cerimônias, monumentos, festas, homenagens etc.), sejam eles privados ou coletivos, são fundamentais na preservação dessas memórias, pois ajudam a consolidar lembranças e sentimentos coletivos transmitindo-as de geração em geração (Rosa, et al., 2000). Neste sentido, a memória histórica refere-se a memórias de eventos vividos por uma coletividade que possuem importância histórica, sendo construídas, reconstruídas e atualizadas por meio de memórias orais e documentais, presentes em livros, museus, bibliotecas e manifestações culturais (Sá, 2015).

Estudos sobre a representação da história nacional no Brasil indicam que o regime militar é um dos períodos mais lembrados, evocando afetos, emoções e avaliações variadas, especialmente entre diferentes gerações. Jovens e adultos, especialmente aqueles com inclinações políticas de esquerda, tendem a perceber o regime militar como um “golpe”, enquanto os idosos frequentemente o veem como necessário para restaurar a ordem e impedir o avanço do comunismo, são os idosos que mais recordam o AI-5, independente da orientação política e são os jovens, independente da orientação política, que avaliam mais negativamente período. Dentre as lembranças positivas aparecem as grandes obras de engenharia (ponte Rio-Niterói; hidrelétrica de Itaipu e a Rodovia Transamazônica), o “milagre econômico” e o “PIS-PASEP” e as negativas aparecem

“torturas e mortes dos presos” e a menos recordada a “guerrilha do Araguaia” (Ansara, 2009; Cabecinhas et al., 2006; Sá, 2014; Sá et al., 2008). Essas diferenças reforçam a ideia de que as memórias sociais são moldadas pelas experiências vividas, pela inserção social e pela ideologia política.

Um estudo recente sobre as representações sociais do regime militar no Brasil e apoio ao autoritarismo no presente (Mathias et al., 2023) revela que, embora a maioria dos participantes tinha uma visão negativa do regime, representações positivas e o silenciamento de opiniões polêmicas ainda são observadas, e essas estão associadas a um maior apoio a soluções autoritárias na atualidade.

Diante do exposto, questiona-se quais são as recordações que estudantes universitários e idosos têm sobre o regime militar no Brasil? Será que o fato de ter vivido durante este período histórico ou ter conhecimento dele através de relatos orais e documentais caracteriza distintas representações? Claramente, interessa-nos estudar a forma como o passado é representado no presente.

Método

Participantes

A pesquisa contemplou duas categorias de participantes, uma de “jovens” estudantes universitários de uma universidade pública e outra de “idosos”. No total, participaram 2917 habitantes da cidade de Salvador e região, com idades compreendidas entre 17 e 95 anos (média=44.2 anos; DP=23.1), dos quais 1486 (50.8%) eram homens. Em relação à orientação política, mensurada com uma escala de onze pontos, sendo 0 extrema esquerda e 10 extrema direita, a média de resposta foi de 5.09 (DP= 1.95), o que configura uma posição política de centro. A amostra de jovens foi constituída por estudantes universitários de todas as áreas de conhecimento, formada por 1569 (53,8%) estudantes, com idade média de 23.02 anos (DP=5.7), e um posicionamento político de

centro-esquerda (média= 4.80; DP=1.48). A amostra de idosos foi constituída por 1348 (46.2%), com idade média de 68.03 anos (DP=6.9), e posicionamento político de centro-direita (média= 5.50; DP=2.20). A escolha destas duas categorias justifica-se pelo interesse em estudar a memória histórica construída acerca do regime militar e da ditadura no Brasil, por um grupo de pessoas que vivenciou mais de perto estes eventos históricos (idosos) e outro, composto por pessoas mais jovens que nasceram após este período ou durante o processo de redemocratização, mas que ouviram falar dos eventos que marcaram o período do regime militar no país.

Instrumento

O instrumento de coleta dos dados consistiu em um questionário composto por questões abertas e de múltipla escolha. Para a metade dos participantes (jovens universitários e idosos) foi apresentada a expressão “regime militar” como palavra indutora, para a outra metade (jovens universitários e idosos) a palavra indutora foi “ditadura militar”. Neste artigo analisaremos as respostas referentes à recordação de três eventos que marcaram todo o período, além de avaliação atribuída aos eventos recordados: se positiva, negativa ou neutra, independente do termo indutor.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada entre o início de 2012 e o final de 2014. Foram adotados dois procedimentos de coleta de dados, um destinado aos estudantes e outro aos idosos. Os estudantes foram abordados, de forma individual, por um aplicador nos diversos espaços de circulação de uma universidade pública. Utilizou-se como critério de escolha a técnica de aleatorização, sendo escolhido o décimo estudante que passasse pelo local na qual se encontrava o aplicador. Tendo identificado o provável participante, o aplicador abordava o estudante, explicava o objetivo da pesquisa e o convidava a participar. Foi solicitada a leitura e assinatura em duas vias do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE), uma das quais permaneceu com o participante e a outra com os pesquisadores. Somente após a assinatura do termo, os participantes respondiam ao questionário individualmente. Caso o estudante abordado não aceitasse participar da pesquisa ou assinar o termo de consentimento, o procedimento era repetido.

Na coleta de dados com a categoria de idosos, o procedimento foi um pouco diferente, pois os aplicadores poderiam escolher qualquer pessoa que contemplasse o critério idade (maior de 60 anos). Poderiam ser familiares, conhecidos ou desconhecidos abordados em espaços privados ou públicos, a exemplo de *shoppings centers*, supermercados e praças. Para estes participantes também foi solicitada a leitura e assinatura em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e adotando procedimento igual ao dos estudantes.

Para fins de comparação, procurou-se manter a proporção de distribuição da amostra por categoria, termo indutor e sexo. Análises realizadas com o teste do qui-quadrado indicam a ausência de diferenças significativas na distribuição dos participantes por categoria e termo indutor ($\chi^2_{(1)} = 0.845$, $p=ns$) categoria e sexo ($\chi^2_{(1)} = 1.601$, $p=ns$) e termo indutor por sexo ($\chi^2_{(1)} = 0.323$, $p=ns$), o que indica uma distribuição homogênea entre os participantes.

Para a construção das categorias analíticas da lembrança dos eventos que marcaram o período do regime militar e da ditadura no Brasil, realizou-se uma análise qualitativa dos dados. Devido ao grande número de respostas, primeiramente, procedeu-se uma análise de frequência, em seguida, realizaram-se várias leituras das respostas para identificar os elementos significativos das lembranças. Em seguida, as respostas foram agrupadas em cinco categorias analíticas, que representam um quadro detalhado da memória dos eventos que marcaram o período histórico na opinião de estudantes universitários e pessoas idosas.

1) *Atos políticos*

Categoria que contempla acontecimentos normativos, atos ou ações associadas a orientações e atitudes de um governo em relação a assuntos de interesse público;

2) *Atos de violência*

Que contempla acontecimentos associados ao uso da força ou agressividade de forma intencional para atingir um objetivo e que pode resultar em acidente, morte ou trauma psicológico;

3) *Eventos socioeconômicos*

Categoria que considera acontecimentos que fazem referência à situação social e econômica durante o período do regime militar no Brasil;

4) *Eventos artísticos e culturais*

Que contempla acontecimentos que fazem alusão a manifestações de arte e cultura como instrumento de protesto, oposição e resistência ao regime;

5) *Outros*

Estão agrupadas respostas que não se enquadram em nenhuma das categorias anteriores, mas que fazem alusão a eventos ocorridos neste período histórico.

Após a criação das categorias analíticas realizou-se análise de dados categóricos mediante o teste de qui-quadrado (χ^2). O teste χ^2 foi utilizado para analisar a distribuição de frequências para as respostas dos eventos recordados, assim como da sua avaliação pelos participantes, em função dos grupos estudados (universitários, predominantemente jovens, e idosos).

Resultados

Os resultados apresentados, analisados e discutidos a seguir contemplam as memórias de eventos que marcaram o período do regime militar no Brasil e a avaliação atribuída aos acontecimentos recordados em distintos grupos geracionais.

Descrição das categorias de análise

Na categoria **atos políticos** foram alocados acontecimentos que marcaram o *início* do período militar no Brasil (e.g., o golpe militar de 64, revolução de 64, tomada do poder pelos militares, a ditadura, atos institucionais (em especial o AI-5), eleições indiretas, suicídio de Getúlio Vargas, movimentação das tropas do general Mourão Filho em direção ao RJ, etc.); o *término* do regime militar (e.g., diretas-já, a constituição, fim do bipartidarismo, anistia, etc.); *atos de autoritarismo e restrições políticas* (e.g., dissolução dos partidos políticos, cassação e suspensão dos direitos políticos e garantias constitucionais, o fechamento do congresso, violação dos direitos humanos, imposição de ideias, toque de recolher, estado de sítio, falta de liberdade, restrição à atividade sindical, combate ao comunismo, perseguição aos estudantes, jornalistas, artistas e civis, etc.); *militarismo* (e.g., marchas militares, Sete de Setembro, exército armado nas ruas, militarismo na escola, repressões nas ruas, etc.); *manifestações populares* (e.g., marcha da família com Deus ou marcha dos 100 mil, comício na central do Brasil, etc.); *movimentos de resistência* (e.g., movimentos e lutas sindicais, estudantis e populares, greves, união popular, revolta dos estudantes, congresso da UNE etc.); lembranças de *governos* (e.g., renúncia de Jânio Quadros, queda de João Goulart, morte de Tancredo Neves, Castelo Branco, Costa e Silva, saída de João Figueiredo, governo de Getúlio Vargas, Geisel, Médici, Antônio Carlos Magalhães, etc.).

A categoria **atos de violência** contempla acontecimentos genéricos de violência tais como as guerras, conflitos, confusões, bem como atos de violência perpetrados pela força policial tais como: prisões ilegais de manifestantes, civis, comunistas, militantes, políticos, estudantes, artistas, rebeldes e baderneiros, exílio, torturas, assassinatos, execuções, mortes, desaparecidos, atentados, em especial o do Riocentro, invasão de escolas, universidades (UFBA e PUC-SP), teatros, sindicatos, Petrobras, casa de

professores e de civis, repressão, violação de direitos, censura à imprensa, aos intelectuais, estudantes e artistas; falta de liberdade de expressão e direito de se manifestar; igualmente atos de violência executados pelos opositores ao regime, tais como a Guerrilha do Araguaia, luta armada e o sequestro do embaixador dos EUA. Ao mesmo tempo foram recordados eventos de violência, prisão, tortura, exílio e morte de alguns personagens específicos tais como: Milton Santos, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Waldir Pires, Edu Lobo, Dilma Rousseff, Carlos Marighela, Carlos Lamarca, Geraldo Vandré, Marcelo Rubens Paiva, Vladimir Herzog, Frei Tito, Olga Benário e Edson Luís.

Na categoria **eventos socioeconômicos** foram alocados acontecimentos que ressaltam a *crise social e econômica* que o país enfrentava (e.g., baixos salários, alta inflação, recessão, desemprego, endividamento do país, concentração de renda, pobreza, a fome e a mortalidade, etc.) e outros que destacam os *avanços sociais e progresso* (e.g., a queda da inflação, o “milagre” econômico e crescimento, estabilidade da moeda, abertura econômica e investimento em infraestrutura como a construção da Ponte Rio-Niterói, a usina de Itaipu, a transamazônica e a implantação de indústrias, em especial a siderúrgica nacional, o polo petroquímico, o Proálcool, avanços nas telecomunicações, além das leis trabalhistas como a criação do fundo de garantia por tempo de serviço e o plano social – PIS-PASEP). Além disso, foi incluída nesta categoria a lembrança de eventos associados à *educação*, também antagônicos: por um lado aparece o sucateamento das escolas, e por outro, a concepção de que a educação funcionava bem e era de qualidade, além da implantação nos currículos escolares das disciplinas de educação moral e cívica e a reforma universitária.

Na categoria **eventos artísticos e culturais** foram incluídos os movimentos culturais de resistência tais como os festivais de música, movimentos literários,

tropicalismo, Novos Baianos, vanguarda, Semana da Arte Moderna, peças de teatro, filmes e músicas; além de eventos esportivos, como a copa do mundo de 1970 e a conquista do tricampeonato de 1970.

Na categoria **outros** estão compreendidas as evocações de nomes de *personagens* que marcaram o período do regime militar no Brasil, porém sem fazer alusão a qualquer tipo de acontecimento específico. *Políticos e militares* (Antônio Carlos Magalhães, Tancredo Neves, General Figueiredo, Nilton Cruz, Geisel, Costa e Silva, Castelo Branco, Emílio Garrastazu Médici, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek), *artistas* (Zulu Angel, Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso), o *jornalista* (Vladimir Herzog), os *guerrilheiros* (Carlos Lamarca e Carlos Marighela); *organizações sociais* (UNE, igreja, sindicatos, SUDENE, comando vermelho); e *eventos pessoais* (pai mandou quebrar os discos dentro de casa, livros socialistas do irmão, nascimento da filha, etc.).

Memórias geracionais: análise comparativa de eventos recordados

Ao analisar comparativamente as lembranças de estudantes universitários e idosos sobre os eventos que marcaram o período, independente da palavra estímulo, constatam-se mediante teste de qui-quadrado (Tabela 1) diferenças significativas na lembrança dos eventos recordados, sendo os eventos de natureza política e de violência os que apresentam mais frequência e os de natureza socioeconômicos e artístico-culturais os menos frequentes.

Quando se analisa a lembrança de eventos das diferentes categorias em função da estratificação geracional, verifica-se que os jovens apresentam maior número de evocações do que os idosos, o que sugere maior repertório de eventos que caracterizaram o período. Ademais, são os jovens que mais lembram acontecimentos políticos, ao passo que os idosos lembram mais atos de violência e eventos artístico-culturais, o que sugere

representações geracionais sobre o período que diferem em função da evocação de distintas categorias de eventos.

Tabela 1

*Teste de qui-quadrado sobre o número de eventos evocados em cada categoria em função dos grupos de comparação**

Categoria de Eventos	Grupo de Comparação		Total
	Jovens N=1569 Eventos=3184	Idosos N=1348 Eventos=2902	
	$\chi^2_{(4)Categorias/Grupo}=59.55$ $p<0.001$		
Políticos	1603 (1471) [11.82]	1209 (1341) [12.97]	2812
Violência	1221 (1301) [4.87]	1265 (1185) [5.34]	2486
Socioeconômicos	223 (230) [0.19]	216 (209) [0.21]	439
Artístico-culturais	79 (102) [5.19]	116 (93) [5.70]	195
Outros eventos	58 (81) [6.32]	96 (73) [6.94]	154

*Os resultados em cada célula são apresentados do seguinte modo: Frequência observada (Frequência esperada) [Qui-quadrado na célula]. Valores em negrito indicam distribuições não homogêneas na célula.

Além disso, foram analisadas as avaliações dos eventos recordados de cada categoria entre os grupos estudados. A Tabela 2 apresenta os resultados de sucessivos testes de qui-quadrado a partir de matrizes de contingência que cruzaram o número de avaliações (positivas, negativas e neutras) em cada categoria de eventos e o grupo de participantes (jovens e idosos). Nesse sentido, as frequências esperadas e os valores de qui-quadrado apresentados se referem a cada uma das categorias dispostas nas linhas.

De modo comum aos dois grupos, averigua-se que os eventos de natureza política e de violência são os que apresentam maior frequência de recordações e predomínio de avaliações negativas, ao passo que os eventos socioeconômicos são avaliados mais positivamente pelos participantes em geral.

Ao comparar a avaliação dos *eventos políticos* recordados em função da estratificação geracional, foi possível constatar que jovens e idosos tendam a avaliar negativamente os eventos políticos recordados, porém são os jovens que avaliam mais negativamente e os idosos menos negativamente tais eventos. Os idosos também avaliam

os eventos recordados de forma mais neutra do que os jovens. Tais resultados sugerem que os idosos se posicionam de forma menos crítica na avaliação dos atos políticos recordados em relação aos jovens. Ao se analisar comparativamente a avaliação dos atos de *violência*, não foram encontradas diferenças estatísticas significativas. Tais atos foram avaliados negativamente, independentemente do corte geracional.

A memória histórica do passado de um grupo, conforme destaca Pennebaker e Crow (2000), não é marcada somente por eventos negativos, também são recordados eventos positivos, mesmo quando se trata de um período difícil, como foi o regime militar. A resignificação do passado histórico do grupo ocorre depois de transcorrer um tempo entre o acontecimento e a recordação do evento. Dentre os eventos recordados, os que foram mais positivamente avaliados, tanto por jovens como pelos idosos são os de natureza socioeconômica e artístico-culturais. Ao comparar a avaliação dos eventos *socioeconômicos* recordados averígua-se que a única modalidade que apresentou diferenças estatísticas significativas, porém limítrofe, foi na neutra. Resultado que sugere certa homogeneidade na avaliação positiva dos eventos socioeconômicos.

Quando se analisa a avaliação dos eventos *artístico-culturais* é possível constatar diferenças estatísticas significativas. Os idosos lembram mais de eventos avaliados de forma positiva e os jovens lembram mais de eventos avaliados negativamente. Estes resultados sugerem que os idosos avaliam mais positivamente a lembrança de eventos de caráter artístico-culturais do que os jovens.

Tabela 2

*Testes de qui-quadrado sobre as modalidades de avaliação para cada categoria de eventos recordados em função dos grupos de comparação**

Categoria de Eventos	Avaliação	Grupo de Comparação		Total
		Jovens N=1569	Idosos N=1348	
Eventos políticos $\chi^2_{(2)}\text{Políticos/Grupo}=26.94$ $p<0.001$	Positivo	537 (572) [2.11]	466 (431) [2.80]	1003
	Negativo	965 (904) [4.10]	621 (682) [5.44]	1586
	Neutro	101 (127) [5.37]	122 (96) [7.12]	223
Eventos de violência $\chi^2_{(2)}\text{Violência/Grupo}=0.36$ $p=n.s.$	Positivo	92 (86) [0.15]	88 (92) [0.14]	180
	Negativo	1082 (1086) [0.02]	1130 (1126) [0.02]	2212
	Neutro	47 (46) [0.01]	47 (48) [0.01]	94
Eventos Socioeconômicos $\chi^2_{(2)}\text{Socioeconômico/Grupo}=10.48$ $p<0.01$	Positivo	107 (120) [1.33]	128 (115) [1.38]	235
	Negativo	80 (77) [0.09]	72 (75) [0.09]	152
	Neutro	37 (27) [3.72]	16 (26) [3.86]	53
Eventos Artístico-culturais $\chi^2_{(2)}\text{Cultural/Grupo}=58.24$ $p<0.001$	Positivo	17 (43) [15.33]	88 (62) [10.44]	105
	Negativo	38 (20) [15.54]	12 (30) [10.58]	50
	Neutro	24 (16) [3.75]	16 (24) [2.56]	40
Eventos outros $\chi^2_{(2)}\text{Outros/Grupo}=3.18$ $p=n.s.$	Positivo	20 (25) [1.09]	47 (42) [0.66]	67
	Negativo	32 (27) [0.88]	40 (45) [0.53]	72
	Neutro	6 (6) [0.02]	9 (9) [0.01]	15

*Os resultados em cada célula são apresentados do seguinte modo: Frequência observada (Frequência esperada) [Qui-quadrado na célula]. Valores em negrito indicam distribuições não homogêneas na célula.

Diante dos dados apresentados e com o objetivo de analisar de forma mais detalhada a lembrança de eventos impactantes que marcaram o regime militar, decidiu-se realizar análises de qui-quadrado com os onze eventos mais recordados, comparando a evocação de acordo com o corte geracional. A escolha dos onze eventos deve-se ao fato de estes apresentarem uma frequência mínima de 50 evocações. Nessa direção, considerou-se o número de participantes de cada categoria que evocou cada um dos eventos em relação aos participantes que não o fizeram. Os resultados apresentados na Tabela 3 sugerem que são os jovens quem mais recordam eventos de repressão; o AI-5; 1964 (o ano de 1964); os atos de resistência; a abertura política; a censura e os eventos artísticos, enquanto os idosos recordaram mais os atos de tortura e os assassinatos. Não foram observadas diferenças estatísticas significativas na evocação dos avanços econômicos e exílios.

Tabela 3

*Testes de qui-quadrado sobre a frequência de evocação dos 11 eventos mais recordados em função dos grupos de comparação**

Evento	Evocação	Grupo de Comparação		Total
		Jovens N=1569	Idosos N=1348	
Repressão $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=25.60$ $p < 0.001$	Sim	481 (416) [10.05]	293 (358) [11.703]	774
	Não	1088 (1153) [3.63]	1055 (1153) [4.22]	2143
AI-5 $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=52.12$ $p < 0.001$	Sim	363 (288) [19.67]	172 (247) [22.89]	535
	Não	1206 (1281) [4.42]	1176 (1101) [5.14]	2382
1964 $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=52.66$ $p < 0.001$	Sim	339 (266) [20.21]	155 (228) [23.53]	494
	Não	1230 (1303) [4.12]	1193 (1120) [4.80]	2423
Resistência $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=11.15$ $p < 0.001$	Sim	266 (234) [4.38]	169 (201) [5.10]	435
	Não	1303 (1335) [0.77]	1179 (1147) [0.89]	2482
Abertura política $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=13.56$ $p < 0.001$	Sim	255 (221) [5.39]	155 (189) [6.27]	410
	Não	1314 (1348) [0.88]	1193 (1159) [1.03]	2507
Censura $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=18.02$ $p < 0.001$	Sim	251 (212) [7.20]	143 (182) [8.39]	394
	Não	1318 (1357) [1.13]	1205 (1166) [1.31]	2523
Tortura $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=26.69$ $p < 0.001$	Sim	160 (207) [10.71]	225 (178) [12.46]	385
	Não	1409 (1362) [1.63]	1123 (1170) [1.89]	2532
Exílios $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=1.92$ $p < \text{n.s.}$	Sim	191 (179) [0.79]	142 (154) [0.92]	333
	Não	1378 (1390) [0.10]	1206 (1194) [0.12]	2584
Assassinatos $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=18.37$ $p < 0.001$	Sim	120 (154) [7.65]	167 (133) [8.91]	287
	Não	1449 (1415) [0.84]	1181 (1215) [0.97]	2630
Movimentos artísticos $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=30.92$ $p < 0.001$	Sim	169 (128) [13.12]	69 (110) [15.27]	238
	Não	1400 (1441) [1.17]	1279 (1238) [1.36]	2679
Avanços econômicos $\chi^2_{(1)\text{evento/Grupo}}=3.18$ $p < \text{n.s.}$	Sim	89 (79) [1.40]	57 (67) [1.62]	146
	Não	1480 (1490) [0.07]	1291 (1281) [0.09]	2771

*Os resultados em cada célula são apresentados do seguinte modo: Frequência observada (Frequência esperada) [Qui-quadrado na célula]. Valores em negrito indicam distribuições não homogêneas na célula.

Além disso, cumpre analisar o modo como os participantes de cada grupo avaliam os eventos mais recordados. Dentre esses eventos, o mais mencionado foi a *repressão*, com 481 evocações entre os jovens e 293 entre os idosos. Os dados do qui-quadrado

demonstram que os jovens avaliam a repressão de forma mais negativa do que o esperado e os idosos menos negativamente. O segundo evento mais evocado foi o Ato Institucional Número 5 (AI-5), evocado 363 vezes pelos jovens e 172 vezes pelos idosos, não tendo sido observadas diferenças estatísticas significativas nas valências positiva e negativa, apenas na neutra. O Terceiro evento mais lembrado foi o ano de 1964. Ano que marca a implantação do regime militar no Brasil. Este foi evocado 339 vezes pelos jovens e 155 vezes pelos idosos. Avaliado de forma mais positiva pelos idosos e do que pelos jovens. O quarto evento mais recordado foi atos de *resistência*. Os jovens evocaram 266 vezes e os idosos 173 vezes, sendo que os jovens avaliaram de forma mais positiva do que os idosos. Do quinto evento até o décimo primeiro não foram observadas diferenças estatísticas significativas no qui-quadrado, sugerindo que jovens e idosos avaliam de forma similar estes eventos, sendo que a censura, as torturas, os exílios e assassinatos foram avaliados de forma mais negativa e a abertura política, avanços econômicos e movimentos culturais foram avaliados positivamente.

Tabela 4

*Testes de qui-quadrado sobre as modalidades de avaliação para os 11 eventos mais recordados em função dos grupos de comparação**

Eventos	Avaliação	Grupo de Comparação		Total
		Jovens N=1569	Idosos N=1348	
Repressão $\chi^2(2)_{\text{Repressão/Grupo}}=166$ $p<0.001$	Positivo	31(35)[0.42]	25(21)[0.68]	56
	Negativo	223(299)[19.28]	258(182)[31.65]	481
	Neutro	227(147)[43.15]	10(90)[70.83]	237
AI-5 $\chi^2(2)_{\text{AI-5/Grupo}}=23.88$ $p<0.001$	Positivo	8(12)[1.08]	9(5)[2.29]	17
	Negativo	354(343)[0.33]	152(163)[0.70]	506
	Neutro	1(8)[6.26]	11(4)[13.22]	12
1964 $\chi^2(2)_{1964/Grupo}=31.23$ $p<0.001$	Positivo	12(25)[6.53]	24(11)[14.29]	36
	Negativo	303(283)[1.45]	109(129)[3.18]	412
	Neutro	24(32)[1.81]	22(14)[3.97]	46
Resistência $\chi^2(2)_{\text{Resistência/Grupo}}=67.47$ $p<0.001$	Positivo	215(177)[8.19]	77(115)[12.60]	292
	Negativo	31(65)[17.66]	76(42)[27.15]	107
	Neutro	20(24)[0.74]	20(16)[1.14]	40
Abertura política $\chi^2(2)_{\text{Abertura Política/Grupo}}=5.58$ $p=n.s.$	Positivo	221(213)[0.30]	121(129)[0.49]	342
	Negativo	20(27)[1.72]	23(16)[2.84]	43
	Neutro	15(16)[0.09]	11(10)[0.15]	26
Censura $\chi^2(2)_{\text{Censura/Grupo}}=4.08$ $p=n.s.$	Positivo	9(12)[0.80]	10(7)[1.40]	19
	Negativo	237(232)[0.11]	127(132)[0.20]	364
	Neutro	5(7)[0.58]	6(4)[1.01]	11
Tortura $\chi^2(2)_{\text{Tortura/Grupo}}=0.83$ $p=n.s.$	Positivo	6(5)[0.21]	6(7)[0.15]	12
	Negativo	152(152)[0.00]	214(214)[0.00]	366
	Neutro	2(3)[0.28]	5(4)[0.20]	7
Exílio e Exilados $\chi^2(2)_{\text{Exílio/Grupo}}=2.97$ $p=n.s.$	Positivo	12(10)[0.28]	6(8)[0.38]	18
	Negativo	169(173)[0.11]	134(130)[0.14]	303
	Neutro	10(7)[0.89]	3(6)[1.18]	13
Assassinatos $\chi^2(2)_{\text{Assassinatos/Grupo}}=0.96$ $p=n.s.$	Positivo	2(3)[0.54]	6(5)[0.39]	8
	Negativo	116(115)[0.02]	158(159)[0.01]	274
	Neutro	2(2)[0.00]	3(3)[0.00]	5
Movimentos artísticos $\chi^2(2)_{\text{Artísticos/Grupo}}=0.14$ $p=n.s.$	Positivo	150(150)[0.00]	61(61)[0.00]	211
	Negativo	8(9)[0.03]	4(3)[0.08]	12
	Neutro	11(11)[0.01]	4(4)[0.03]	15
Avanços econômicos $\chi^2(2)_{\text{Econômicos/Grupo}}=5.62$ $p=n.s.$	Positivo	52(59)[0.73]	44(37)[1.13]	96
	Negativo	17(15)[0.38]	7(9)[0.60]	24
	Neutro	20(16)[1.09]	6(10)[1.70]	26

*Os resultados em cada célula são apresentados do seguinte modo: Frequência observada (Frequência esperada) [Qui-quadrado na célula]. Valores em negrito indicam distribuições não homogêneas na célula

Discussão e conclusões

A análise dos resultados revela que os participantes possuem uma representação ampla do que foi o regime militar no Brasil enquanto período histórico, evidenciada pelo grande número de eventos recordados. As memórias predominantes associam o regime a um período difícil, marcado por violência, censura e repressão contra os opositores do regime, compondo uma visão majoritariamente negativa, consistentes com regimes ditatoriais. No entanto, também foram mencionadas lembranças positivas, indicando a coexistência de memórias tanto positivas como negativas, embora as representações negativas prevaleçam.

Os aspectos positivos mencionados, como investimentos em infraestrutura (ponte Rio-Niterói, usina de Itaipu e a construção de Brasília), desenvolvimento industrial (siderúrgica nacional, polo petroquímico, indústria automobilística) e consolidação das leis trabalhistas, estão em consonância com estudos anteriores (Ansara, 2009; Sá, 2014; Sá, et al., 2008;). Para além dos avanços econômicos, o período foi marcado culturalmente pelo surgimento do estilo musical popular brasileiro “Bossa Nova”, da “Tropicália”, e pela conquista do tricampeonato mundial de futebol em 1970.

As memórias históricas funcionam como práticas cognitivas e afetivas que contribuem para a construção da identidade nacional, que nomeamos de brasilidade, prolongando as experiências do passado no presente e projetando-as no futuro (Dias et al., 2011; Lima & Santos, 2016; Páez et al., 2007). Como destacado por Sá (2014), a memória histórica não envolve apenas a lembrança de eventos, mas também uma avaliação crítica, que influencia sua construção e reconstrução. Nesse estudo, assim como em investigações anteriores (Ansara, 2009; Sá, 2014, 2015, Sá et al., 2008), eventos políticos e violentos foram associados a afetos negativos, enquanto eventos artístico-culturais e econômicos evocaram reações mais positivas, sugerindo uma avaliação crítica

que questiona a legitimidade do uso da força, da imposição e da violência por parte das forças de segurança nacional.

Retomando o objetivo geral deste estudo, de analisar as memórias de distintas gerações sobre o regime militar, permitiu identificar tanto convergências quanto divergências nas representações. Embora as memórias sobre os eventos impactantes sejam compartilhadas, a avaliação desses eventos varia, refletindo as diferenças geracionais

Os idosos, que viveram o período, tendem a recordar os atos de violência e repressão com uma forte carga negativa. Essas memórias podem ser explicadas pelo fato de terem experimentado diretamente a censura, o medo e a opressão durante a fase crítica de desenvolvimento da identidade pessoal e social, o que reforça a retenção dessas memórias (Dias et al., 2011; Pennebaker & Crow, 2000; Sá, 2012). Já os jovens, que não testemunharam o regime, recordam os eventos principalmente a partir de fontes indiretas, como documentos históricos e relatos. Suas memórias são marcadas pela crítica aos atos institucionais e ao autoritarismo, mas também incluem uma visão positiva sobre o progresso econômico e as obras de infraestrutura realizadas.

Entre os idosos, eventos artístico-culturais, como a tropicália foram avaliados de forma positiva, associados tanto à construção da identidade nacional quanto a um sentimento nostálgico (Pennebaker et al., 2006). Essa nostalgia revela uma dualidade: ao mesmo tempo em que evoca tristeza pelo que não existe mais, também proporciona uma sensação de plenitude ao reviver o passado.

As memórias dos jovens destacaram movimentos de resistência ao regime, enquanto os idosos lembraram mais frequentemente da repressão e dos assassinatos. A implantação do regime militar em 1964 foi mais lembrada pelos jovens, porém avaliada mais positivamente pelos idosos, que justificaram a intervenção como uma forma de

“restaurar a ordem” “acabar com a baderna” e impedir o avanço do comunismo. Esse contraste nas memórias sugere a existência de memórias geracionais (Epelboim, 2004; Páez et al., 2007; Pennebaker et al., 2006; Sá, 2014).

Por mais que se identifique uma memória consensual do regime, centrada em eventos negativos de violência e repressão, também há espaço para uma visão positiva do passado, principalmente nos aspectos socioeconômicos e culturais. Tais representações do passado, parecem ser fundamentais na definição da identidade nacional brasileira (Cabecinhas et al., 2006). O distanciamento psicológico sugere que, apesar das memórias geracionais serem heterogêneas, outros marcadores sociais devem ser considerados, como classe social, valores, crenças e orientação (Dias et al., 2011; Sá, 2012, 2014).

Conclui-se que, entre a população investigada, há uma memória compartilhada do regime militar, com especificidades geracionais. Essa memória parece resultar de informações disseminadas nos meios de comunicação de massa, educação formal e interações cotidianas. No conjunto, as memórias evocam mais eventos negativos (violência, repressão, tortura e assassinatos), sem negligenciar eventos positivos (desenvolvimento econômico e produção artístico-cultural).

Chama-se especial atenção o modo como os participantes recordam e interpretam o passado, visão que reflete como se posicionam no presente e suas perspectivas para o futuro, o que podem dar um direcionamento de como a sociedade poderia se posicionar diante de uma ameaça de uma possível intervenção militar no Brasil (Mathias et al., 2023; Rosa et al., 2000). Compreender essas memórias é fundamental para promover um debate público sobre o passado, visando a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Por fim, embora o estudo tenha contado com um grande número de participantes, deve-se considerar a heterogeneidade da amostra, o período de coleta de dados e a coleta

ser restrita à cidade de Salvador, o que limita a generalização dos resultados para a população brasileira.

Referências

- Albuquerque, N. M., & de Meneses, E. M. (2017). O golpe no Brasil como construção da “democracia” da subcidadania. *Polis, Revista Latinoamericana*, 16 (46), 19-38. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682017000100019>
- Ansara, S. (2009). *Memória política, repressão e ditadura no Brasil*. Juruá, Curitiba.
- Brasil. (2014). Relatório/Comissão Nacional da Verdade. Recurso eletrônico. Brasília: CNV. (v. 1, II, III). ISBN 978-85-85142-63-6
- Cabecinhas, R., Lima, M. E. O., & Chaves, A. M. (2006). Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polemica nas representações sociais da história, In Miranda, J. & João, M. I. (Eds.) (p. 67-92). *Identidades Nacionais em Debate*, Oeiras: Celta.
- Dias, A. P., Silva, F. J., Chalegre, R.F., Sá, C. P., & Wolter, R. P. (2011). Sobre a memória social dos “anos dourados”: Fusca, copa do mundo, bossa nova e Miss Brasil. *Psicologia: teoria e prática*, 13 (4), 110-123. Recuperado de <https://is.gd/mZenBd>
- Epelboim, S. (2004). Memória individual e memória social / coletiva: considerações à luz da psicologia social. *Memorandum*, 7, 18-31. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/epelboim01.htm>
- Gianordoli-Nascimento, I. F., Veloso, F. G. C., da Cruz Silva, S. A. T., Dias da Cruz, J. P., & Oliveira, F. C. (2012). A construção da memória histórica da ditadura militar brasileira: contribuição das narrativas de familiares de presos políticos. *Psicologia e Saber Social*, 1, 103-119. Recuperado de <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.3249>
- Gusmão, R. L. de (2024). A comissão nacional da verdade nos livros didáticos de história: o passado-presente da ditadura militar. *Revista Inter-Ação*, 49, 709–730. DOI: 10.5216/ia.v49ied.especial.78910.

Halbwachs, M. (1994 [1925]). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.

Jedlowski, P. (2001). Memory and sociology: themes and issues. *Time & Society*, 10 (1), 29-44. doi: DOI:10.1177/0961463X01010001002

Lima, M. E. O., & Santos, E.V. (2016). Representações sociais do Brasil e identidade nacional. In M. E. O. Lima, A. R. R. Torres & E. M. Techio (Org.). *Identidade Nacional e Representações do Brasil: Abordagens Integrativas* (p. 79-99). Scortecci. São Paulo.

Mathiasc v, A., Páez, D., Techio, E., Alzugaray, C., Camargo, B., & Moraes, A. (2023). Social Representations of a dictatorial past and current support of authoritarianism. *Psico-USF*, 28(2), 389-401. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280214>

Oliveira Filho, P. (2024). *Manipulação da identidade coletiva e poder político na trajetória do bolsonarismo*. São Paulo: Ed. Dialética.

Páez, D., Techio, E., Liu, J., & Beristain, C.M. (2007). Representaciones sociales de la história: estúdios y aplicaciones a sociedades con un pasado traumático. In J. F. Morales, M.C. Moya, E. Gaviria & I. Cuadrado (Eds). *Psicologia social* (p. 717-737). McGrawHill. Madrid.

Pennebaker, J. W., & Crow, D. M. (2000). Memorias colectivas: la evolución y la durabilidade de la historia. In A. R. Rivero, G. Bellelli & D. Bakhurst (Eds). *Memoria colectiva e identidad* (p. 231-257). Nacional. Biblioteca Nueva. Madrid.

Pennebaker., J. W., Páez., D., & Deschamps, J. C. (2006). The social psychology of history: Defining the most important events of the last 10, 100, and 1000 years. *Psicologia Política*, 32, 15-32. Recuperado de <https://psycnet.apa.org/record/2010-23557-002>

- Rosa, A., Bellelli, G., & Bakhurst, D. (2000). Representaciones del pasado, cultura personal e identidad nacional. In A. R. Rivero, G. Bellelli & D. Bakhurst (Eds). *Memoria colectiva e identidad* (p. 41-87). Nacional. Biblioteca Nueva. Madrid.
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudos da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20 (2), 290-295. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200015>
- Sá, C. P. (2012). A memória Histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus- Revista eletrônica em Ciências Humanas*, 9(14), 94-103. Recuperado de <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4826>
- Sá, C. P. (2014). La memoria histórica del régimen militar en Brasil (1964-1985). In E.M. Zubieta; J.F. Valencia & G.I. Dedelfino (Eds). *Psicología social y Política: precesos teóricos y estudios aplicados* (p. 545-560). Eudeba. Buenos Aires.
- Sá, C. P. (2015). Entre a história e a memória, o estudo psicossocial das memórias históricas. *Cadernos de pesquisa*, 156 (45), 260-274. <https://doi.org/10.1590/198053143133>
- Sá, C. P., Möller, E. C., Perez, J. A., & Bezerra, F. C. C. (2008). A memória histórica do Regime militar em três gerações: Conteúdos factuais e juízos críticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10 (1), 36-51. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200004>
- Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Silva, S. A. (2021). Autoritarismo e crise da democracia no Brasil: entre o passado e o presente. *Rev. Katálisis*, 24(1), 119-126. <https://orcid.org/0000-0002-3482-6009>
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Villela, L. M., & Losnak, C. J. (2016). Abrindo os olhos sobre a ditadura militar: audiodescrição como recurso de manutenção da memória brasileira. *Cadernos de Tradução*, 36(2), 46-65. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p46>